

A ESTIGMATIZAÇÃO DA MÚSICA NEGRA: PASSADO OU ATUALIDADE?

Fernanda Patrício Mariano ¹

RESUMO

O presente artigo trará como cerne do seu estudo “A marginalização da música negra: passado ou atualidade?”, o seu objeto de análise será o samba e suas vertentes produzidas nas comunidades de maioria negra. Será feito um apanhado sobre o surgimento desse ritmo musical no Brasil e o foco será a recepção do mesmo pela alta sociedade, e a opressão sofrida pelo conjunto de pessoas ligadas a tal expressão cultural ontem e hoje. Como geralmente foi associado ao “gueto”, reduto de grupos minoritários na sociedade, o samba passou do submundo para referência na cultura do nosso país. Mas será que nesse processo de transição, desde os tempos de outrora, quando era visto sob um olhar preconceituoso, esse segmento musical perdeu, com tempo, seu caráter de “som marginal”?

Palavras-chave: Estigmatização. Samba. Identidade. Tradição. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

A marginalização da comunidade negra serviu e serve como fator de exclusão social, e os que estão à margem levam consigo sua cultura, sua música e também sua cor. As comunidades que vêm crescendo cada vez mais no país, também conhecidas como “favelas”, emaranhado de casas e gente, desde sempre foram produtoras de diversas expressões musicais, e assim aconteceu também com o samba, ritmo que contagiou o Brasil e o mundo, com a batida do tamborim, surdo e pandeiro, e que surgiu nos “guetos” onde os excluídos socialmente geralmente são mal vistos. Atualmente, é produzida nessas comunidades uma imensa variedade de músicas, com diversas influências, geralmente vindas da cultura negra, como é o caso do hip-hop, que em suas letras conta a história do sofrimento do negro na sociedade, além de falar de opressão, injustiça e desigualdade sofridas pela comunidade de baixa renda. Por isso além de cantores de samba da velha guarda como Cartola, será abordado o músico contemporâneo Marcelo D2, a fim de fazer um paralelo do samba de outrora com o

¹ Fernanda Patrício Mariano possui graduação da Universidade Federal da Bahia, sendo a habilitação de Letras Vernáculas com Inglês e cursando especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa na UNICESUMAR. Atualmente é Professor substituto do Instituto Federal da Bahia, campus Eunápolis desde julho de 2017. Tem experiência na área de Letras. Atuando principalmente nos seguintes temas oralidade, educação inclusiva, discurso, seca, cangaço, messianismo, regionalismo e Nordeste. E-mails: f_mariano@hotmail.com e Fernanda.mariano@ifba.edu.br.

samba de hoje, levando em conta que o samba produzido pelos cantores de hoje sofreu diversas influências de outros ritmos musicais como, por exemplo, o samba-rock, hip-hop, e o funk, todas oriundas do “gueto” que é o mais importante para a análise da transição do mesmo.

O artigo apresentará ao leitor o samba de ontem e de hoje, mostrando o preconceito sofrido pelos seus intérpretes por ser um ritmo ligado à cultura negra, fazendo um paralelo entre os compositores e intérpretes precursores do movimento com os da atualidade, mostrando através das composições das músicas analisadas, dos já citados Cartola e Marcelo D2, como a comunidade negra têm sido excluída também no que diz respeito a sua música, e como um ritmo antes tão ligado à marginalidade virou símbolo do Brasil no exterior.

2 DESENVOLVIMENTO

Os elementos da cultura negra surgem, no Brasil, através do tráfico negreiro, cujas embarcações trouxeram escravos oriundos de diferentes culturas africanas que se mesclaram culturalmente nas senzalas². Nesse espaço rural começam a surgir os ritmos que, posteriormente, servirão como referência identitária da cultura brasileira.

Com o intuito de camuflar as danças/lutas africanas, hoje a capoeira, praticadas nos fundos das Casas de Engenho, os negros formavam uma roda onde mulheres jovens e senhoras cantavam e dançavam o samba de roda, tentando esconder dos “capatazes” a cultura trazida do seu país. Para o termo ‘samba’ são dadas diversas origens, alguns acreditam que a palavra oriunda do Tupi, mas a maioria dos estudiosos afirma que, na verdade, o termo ‘samba’ derivado do quibundo “semba”, que seria uma dança africana em que, em formato de círculo, as pessoas produzem passos ritmados e dão “umbigada” em outro dançarino, o qual substituirá o outro no meio da roda. Essa é a origem mais plausível, já que o significante acompanha o significado. Nas línguas do banto, samba significa reza, invocações, lamentos... Ou seja, um tipo clássico de empréstimo das línguas africanas.

Atualmente, detecta-se uma gama variada de ritmos do samba, podendo ser samba-enredo, samba-canção, samba-exaltação, samba de breque, samba de gafieira, samba de partido alto etc. As diferenças desse estilo musical ocorrem de acordo com a região do país onde é produzido o samba, como ocorre na Bahia, primeira “capital” em território brasileiro, onde primeiramente chegaram os negros escravizados, o que permite fazer inferências e até

² Sabe-se que, antes da chegada dos negros africanos, eles já eram obrigados a compartilharem de espaços em que se misturavam a outros de origens diversas, o que corresponde à estratégia colonialista de dificultar a comunicação linguística entre os mesmos.

defesas da suposta origem do samba no estado nordestino; Rio de Janeiro, a posterior “capital”, para onde foram as famosas “Tias”, das quais se destaca a Tia Ciata, que se transformou em nome de conjunto musical; e São Paulo, com sua emancipação política do sudeste e o processo de industrialização crescente, que provocou o êxodo rural. Essas conjunturas de “emancipação estatal” no processo histórico do país demarca o processo diferenciado, histórica e regionalmente, de formação do samba através do contexto político-econômico do país que determinaram as demandas migratórias no Estado brasileiro.

O primeiro Samba com a conotação que se tem hoje, produzido no Brasil e que se tem notícia, foi escrito por Donga (Ernesto dos Santos), de título “Pelo telefone”. Nessa época, o ritmo do samba e o protótipo do dito “malandro” eram associados negativamente, a música foi considerada de “negros e vadios”, deflagrando a atitude racista da aristocracia brasileira. Quanto ao surgimento, o samba passa a proporcionar aos abandonados pelo preconceito sócio racial, para que pudessem exprimir seu sofrimento e sua desesperança criados pela opressão sofrida. Entretanto, no final dos anos 20, com os projetos de Estado eminentemente nacionalistas, é que esse estilo ganhou certo prestígio, e pôde ser veiculado nas rádios, principalmente no Governo de Vargas.

O ritmo, durante todos os séculos anteriores foi considerado de pouco valor, pois seus compositores não liam partituras, antes disso o samba era anunciado como ‘Polca’ ou ‘Maxixe’, como aconteceu com a música de Pixinguinha “Carinhoso”, anunciada como ‘Polca’ nas rádios. A década de 20 foi importantíssima na história da música brasileira porque alguns tabus foram quebrados. Intérpretes reconhecidos na alta sociedade passam a subir os morros para comprar composições de grandes sambistas da época, atrás dessas composições é que Noel Rosa e Vila Lobos conhecem Cartola e o traz para junto dos sambistas reconhecidos, impulsionando sua carreira.

A crítica da época, que julgava essas músicas de pouco prestígio e valor, passa a admirar a produção desse cantor, que foi um grande nome na história do samba, e mostrou um samba, sendo um ritmo ligado à cultura negra, esta tão desvalorizada pelas elites, com qualidade melódica e poética, qualidade esta que não são encontradas por vezes em outros segmentos musicais prestigiados. No exterior, a imagem do samba passa a ser associada à figura da baiana interpretada por Carmen Miranda, cujo estereótipo foi produzido por Dorival Caymmi para que dançasse a sua música “O que é que a baiana tem?”, música essa que explicita a visão atrativa do país, afirmando que o Brasil é um país de grandes peculiaridades. Essa ‘fórmula’ dá certo, pois a europeia (Carmen era de origem portuguesa), cantando o samba brasileiro, impulsiona-o, fazendo com que ele seja visto e escutado nos meios sociais

mais "elitizados", saindo das favelas brasileiras. Sendo produto das camadas menos favorecidas, o samba retrata a realidade de quem o produz, não sendo apenas composições enaltecendo as belezas do país. Nas letras de alguns dos sambas analisados, observa-se que, além dos temas românticos, os temas com crítica social costumam dar o ar de sua graça como, por exemplo, nas músicas "Brasil pandeiro", "tempos idos", "pra que discutir com madame?".

Ao compararmos os sambas de Cartola e Marcelo D2 (batucada), é possível perceber que se trata de diferentes segmentos do samba, porém o embrião continua lá. São composições que enaltecem a cultura negra, que veem no samba um meio de levar o morro pra dentro das casas dos que vivem alheios à desigualdade – cada um com sua 'fórmula', um de forma mais poética, outro de forma mais incisiva, porém mostrando que perdura o rótulo do samba dos morros ligados à "marginalidade". Cartola³ conta como ocorreu a fase inicial do samba:

No meu tempo, as rodas de samba eram realizadas nos fundos das residências das velhas sambistas denominadas tias, que muitas vezes eram dissolvidas pela polícia, visto que o Samba naquela época era coisa de malandro e marginal.

Para Renato Cordeiro,⁴ "somos produtos de uma tradição" e propor romper com essa tradição faz com que deixemos de lado esse rótulo que foi imposto à cultura negra. O dia da consciência negra, celebrado no dia 20 de novembro, nos remete a um questionamento em relação à estigmatização do negro, propondo a inserção do indivíduo e do seu aspecto cultural. Apesar do samba do morro ganhar espaço no mercado musical, os cantores do "gueto" que utilizam o mesmo para expressarem seu ponto de vista em relação à realidade socioeconômica em que vivem ainda são relacionados a esse mundo dos que estão à margem. Nas letras de suas músicas é percebido o quanto a comunidade negra e sua cultura ainda sofre com a aceitação dos meios de maior prestígio, já que a favela, reduto onde a maioria da população é negra, passou a ser estereotipada nos aspectos de malandragem, crimes, drogas, tráfico. Independentemente de onde são produzidos os Sambas sejam na Bahia ou no Rio de Janeiro, seja Riachão ou Marcelo D2, o malandro caricatural está ligado a esse estilo como um cordão umbilical difícil de ser cortado. Frota em seu livro "Auxílio Luxuoso", este verifica uma mudança de opinião em relação ao Samba, desde o início do século, não fosse o enfoque negativo dado ao Morro, tudo indica que teria sido formulado pela ação da própria mídia. Frota diz em seu livro que o Morro há tempos é visto como "o lugar onde a ralé se divertia

³ CARTOLA. APUD SILVA, Marília T. Barbosa de Oliveira Filho, Arthur L. de Cartola; **Os tempos idos**. Rio de Janeiro, Funarte, 1988.

⁴ MARGATO, Izabel (Org.). **Figuras da Lusofonia**: Cleonice Berardinelli. Lisboa: Instituto Camões, 2002. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. Salvador –Bahia, v.05, p.43-54, 2000.

dançando, cantando e bebendo” e hoje, independente, da cor, de serem menos ou mais abastados financeiramente, os moradores do Morro sofrem preconceitos por pertencerem a essas comunidades, como por exemplo, ao serem rejeitados em entrevista de emprego.

Na letra de Cartola: “... os tempos idos, nunca esquecidos trazem saudade ao recordar. É com tristeza que eu relembro coisas remotas que não vêm mais, uma escola na praça onze, testemunha ocular. E junto desta balança, onde os malandros iam sambar. Depois, aos poucos, nosso samba, sem sentirmos, se aprimorou pelos salões da sociedade, sem cerimônia ele entrou, já não pertence mais a praça, já não é mais samba de terreiro, vitorioso ele partiu para o estrangeiro...”, mostra a esperança com que os compositores viam o futuro do samba, sair do fundo dos terreiros, fazer parte do estrangeiro, mostra que não é só o surgimento de um segmento musical, é a cultura negra que quer falar mais alto, aqui ou no exterior. Porém a maior preocupação não é com a aceitação do samba no mercado internacional.

A expressão percebida no trecho da música é a necessidade que o samba seja reconhecido como música de prestígio, deixe de ser samba de terreiro e ocupe um lugar reconhecido como segmento musical. Fazendo uma comparação com a música de Marcelo D2, é como se o passado e o presente se confundissem em alguns momentos “Samba, a gente não perde o prazer de cantar e fazem de tudo para silenciar a batucada de nossos tantãs. No seu ecoar, o samba se refez, seu canto se faz reluzir, podemos sorrir outra vez...”. É como se num ressurgimento do samba, todos deixados à margem tivessem voz ativa, e assim “... todos pudessem sorrir outra vez...”. É possível observar que na maioria das letras de samba, que não falam de amor, citam o morro, o malandro, ou o negro. Os sambas de outrora tinham um conteúdo mais politizado socialmente, a indústria fonográfica atualmente não abre muito espaço para o samba protesto, esse lugar é reservado pra os cantores de hip-hop, o samba hoje é mais comercial e como é associado à cultura do país e comum que retrate as maravilhas dele. O músico Marcelo D2 numa atitude mais contemporânea mistura em suas letras samba com hip-hop, outro ritmo ligado a “marginalidade”, a Nostalgia encontrada nas letras, se deve ao fato abordado acima, é como se a essência do samba tivesse se transformado, para que ele pudesse veicular nos meios prestigiados. O grito de “... não deixe o samba morrer, não deixe o samba acabar, o morro foi feito de samba...” pede muito mais que o ritmo seja preservado, é como se a população que há tempos sofreu por afirmar sua cultura implorasse para que ela não morresse nem fosse mascarada num nacionalismo idealizado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais, o samba ainda é associado à criminalidade, o que mudou é que, após virar símbolo nacional, a apresentação do mesmo torna-se diferente. O que antes era fator de mudança, do novo e da voz do negro tentando falar com a sociedade, hoje está sendo comercializado com uma conotação menos de protesto e mais nacionalista, o papel do questionador é mais aceito no cantor de hip-hop, que como Marcelo D2, traz nas suas letras a problemática do preconceito sofrido pela comunidade negra. Na visão de Muniz Sodré⁵, esse estilo musical sintetizava a identidade e a resistência da raça negra,⁵ e como foi visto anteriormente o processo de aceitação do samba foi longo e sofrido, como foi o processo da inserção do negro na sociedade.

Como é percebido, o samba brasileiro, da velha guarda, serviu de referência na produção de conceitos musicais e nas composições que salvaguardam a disseminação da cultura negra no Brasil atualmente, o hip-hop têm sido um exemplo fidedigno, pois mistura elementos como o samba, rap, funk, samba-rock, todos oriundos da cultura de que temos falado. Isso tem feito com que mais uma vez as gravadoras percebam que apesar do hip-hop ser um ritmo ligado ao morro, é cada vez mais comum que membros das camadas de prestígio passem a valorizá-lo gravando suas músicas ou numa atitude menos direta, misturando as melodias do hip-hop com outros ritmos. Um dos maiores exemplos de como a indústria fonográfica se voltava pouco para os ritmos ligados a cultura negra é que, dentre vários, um dos maiores compositores de samba da velha guarda e fundador de uma das escolas de samba de maior prestígio (mangueira), Cartola morreu na miséria. O samba que produzia não foi suficiente para que obtivesse reconhecimento em vida, e cumpriu o fim dos seus dias sem o título de gênio da música brasileira, que era seu por merecimento.

Também hoje compositores morrem sem saber a importância que tiveram para a construção da cultura do país, é certo que a mídia ajuda nesse processo de reconhecimento, porém é esta uma das maiores representações das elites, assim é possível perceber por que a minoria rica abafa a maioria pobre. A tradição a que se referia Renato Cordeiro, no seu texto “Que faremos com esta tradição? Ou: Relíquias da Casa Velha”⁶, as heranças culturais devem ser revistas para que nesse processo de transmissão não sejam repetidos erros cometidos.

⁵ SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo: ensaios/ ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

⁶ MARGATO, Izabel (Org.). **Figuras da Lusofonia**: Cleonice Berardinelli. Lisboa: Instituto Camões, 2002. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. Salvador –Bahia, v.05, p.43-54, 2000.

REFERÊNCIAS

ALBERGARIA, Roberto. **Entrevista concedida à 53º SBPC Cultural**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2001.

ALBUQUERQUE, Wlamra R. de. **Uma história do negro no Brasil/Walter Braga Filho**. Salvador: Centro de estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BAIANA, Ana Maria. **Nada será como antes**. Vol.14 Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

BARBOSA, Orestes. **Samba, sua história, seus poetas, seus músicos e seus cantores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1978. 125p/ (mpb reedições, 4).

CALDAS, Waldenir. **Iniciação à música popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

FROTA, Wander. **Auxílio luxuoso; samba símbolo nacional, geração Noel Rosa e indústria cultural**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade da Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2006.

LOPES, Ney. **O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: Partido alto, calango, chula e outras cantorias**. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

SILVA, Marília T. Barbosa de Oliveira Filho, Arthur L. de Cartola. **Os tempos idos**. Rio de Janeiro: Funarte, 1988.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo: ensaios**. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

WADDEY, Ralf C. **Viola de samba e samba de viola no Recôncavo Baiano**. Dissertação (Mestrado em Música), Centro de Estudos Afro-orientais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.